



O IMPACTO DA QUALIFICAÇÃO DOCENTE NA QUALIDADE DO ENSINO-APRENDIZAGEM DICENTE

Daniel Brandão Nunes de Albuquerque¹

Gladyson Stelio Britto²

José Monteiro da Silva Júnior³

RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo refletir sobre a importância do preparo e qualificação docente, em relação aos temas religiosos, a fim de evitar a má interpretação e intolerância dentro da sala de aula. A experiência foi realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), durante aulas sobre o Egito Antigo para uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. As aulas abordaram aspectos religiosos, culturais e políticos, e seguiram um planejamento a fim de criticar o pensamento eurocêntrico. O referencial teórico baseou-se em autores como Edward Said e Claudio Blanc, cuja contribuição foi fundamental para orientar uma abordagem crítica e respeitosa das religiões. O resultado da discussão foi positivo para os alunos e contribuiu para a desconstrução de preconceitos relacionados as diferentes religiões. A revisão bibliográfica mostrou-se essencial para o planejamento pedagógico, permitindo que os estagiários do PIBID abordassem temas delicados com respeito, evitando manifestações de intolerância religiosa e a reprodução de preconceitos entre os alunos.

Palavras-chave: Diversidade cultural, ensino de História, formação docente, intolerância religiosa, PIBID.

INTRODUÇÃO

Durante minha participação no Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID), enfrentei diversos desafios, entre eles o de abordar temas religiosos de forma crítica e respeitosa. Ao lecionar sobre os povos pré-colombianos, percebi que tratar de cosmogonias sem estar preparado adequadamente gerava dúvidas e reprodução de preconceito por parte dos alunos.

¹ Graduando do curso de História da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, daniel.albuquerque.2024@alunos.uneal.edu.br;

² Professor orientador do curso de História da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, coordenador voluntário do projeto interdisciplinar História/Pedagogia do PIBID, gladyson.pereira@uneal.edu.br;

³ Professor da Escola de Ensino Fundamental Maria de Nazaré, supervisor do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), jmsj6@aluno.ifal.edu.br.





Ao trabalhar conteúdos sobre Egito Antigo, encontrei uma oportunidade de aprimorar

IX Seminário Nacional do PIBID

meus conhecimentos sobre o assunto, recorrendo a obras como o *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said, e *O grande livro da mitologia egípcia* de Claudio Blanc. A leitura dessas referências não apenas qualificou minha abordagem, como também contribuiu para o desenvolvimento dos alunos, que passaram a refletir mais sobre as religiões do antigo império Egípcio e também de vertentes religiosas não cristãs.

Ao estudar com mais profundidade pude lecionar com mais confiança o assunto, evitando armadilhas do senso comum e promovendo um ambiente de respeito à diversidade religiosa. O resultado foi a desconstrução de preconceitos dos alunos, especialmente em relação às crenças não cristãs. Essa experiência evidenciou a importância da formação continuada de professores.

METODOLOGIA

A atividade ocorreu na Escola de Ensino Fundamental Maria de Nazaré, durante o primeiro semestre de 2025. É importante informar que, naquele momento eu cursava o terceiro período da licenciatura – ou seja, ainda entrando em contato com os processos dos saberes que fundamentam a prática docente. Vivenciar essas aulas experimentais sobre Egito Antigo foi essencial para na prática entender o que Paulo Freire nos ensina: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (2002, p. 11). Essa vivência me permitiu perceber que o ato de educar exige escuta, sensibilidade e abertura para aprender com os alunos e com o cotidiano escolar.

Seguindo esse modelo de pedagogia crítica, optei por elaborar aulas que despertassem o interesse dos alunos pela diversidade das cosmogonias egípcias, promovendo, por consequência, uma reflexão acerca das cosmogonias presentes na contemporaneidade.

Inspirado pela pedagogia crítica e pelas ideias abordadas por Edward Said, especialmente sua crítica ao *Orientalismo* – a forma como o Ocidente construiu uma imagem deturpada e estereotipada do Oriente – elaborei aulas que exploram as cosmogonias egípcias como expressões culturais profundas. Essa abordagem permitiu que os alunos refletissem criticamente sobre as cosmogonias contemporâneas, e compreendessem como certos discursos ocidentais operam como dominação simbólica e cultural.





X Encontro Nacional das Licenciaturas

A fim de causar impacto visual nos alunos, utilize slides contendo imagens das entidades religiosas do antigo Egito. Essa estratégia permitiu aos discentes observar as diferenças simbólicas e estéticas entre as crenças que os antigos povos tinham, e no que os alunos creem no contexto atual. Outra ferramenta adotada foi o formato de aula debate, utilizado para entender o conhecimento prévio dos discentes e suas opiniões acerca das diversas manifestações religiosas. Isso favoreceu a construção coletiva do saber, conforme propõe a pedagogia crítica (FREIRE, 2002)

Em síntese a metodologia adotada, buscou a articulação das teorias e práticas, com interesse em promover uma aprendizagem significativa, pautada no respeito à diversidade

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No 6º ano D, onde debatemos sobre Egito Antigo, a turma era composta por alunos com pais cristãos, tanto na vertente católica quanto de outras várias vertentes, genericamente chamadas, “evangélicas”.

O artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) assegura ao educador o ensino de temas religiosos em sala de aula, desde que respeitados os princípios da diversidade e laicidade.

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (BRASIL, 1996).

Essa legislação foi essencial para que essa atividade pudesse ser realizada, pois, de acordo com o censo realizado pelo IBGE (2022), 56,7% dos brasileiros são católicos e 26,9% são evangélicos. Ainda há, portanto, uma predominância significativa da visão cristã de mundo no país. A LDB, nesse sentido, garante que o educador possa abordar diferentes religiões de forma respeitosa e crítica, amparado pelas normativas estatais e pelos princípios de pluralidade cultural previstos na legislação educacional brasileira.

Segundo o Plano Político-Pedagógico da Escola de Ensino Fundamental Maria de Nazaré, a instituição recebeu esse nome em “homenagem à mãe do Salvador”. Ainda segundo





o documento, a escola oferece disciplinas do 6º ao 9º ano e está situada em uma localização privilegiada do município, pois o bairro São Luiz I é considerado de classe média. “A religião praticada pela maioria da comunidade escolar é a católica observando também grande número de evangélicos” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA, 2024, p. 16-17).

De acordo com a Diocese de Penedo (2025), o município de Arapiraca conta com 18 paróquias, distribuídas por todos os bairros da cidade. Em comparação com municípios vizinhos como São Miguel dos Campos e Traipu, que possuem respectivamente 8 e 10 paróquias, Arapiraca lidera em número de unidades religiosas.

Conforme informações disponíveis em 2017, a prefeitura de Arapiraca publicou, em seu site oficial, uma notícia informando os principais monumentos históricos da cidade. É possível observar que três dos dez monumentos apresentados são igrejas católicas. A Igreja de São Sebastião, tombada em 2005, é um dos poucos patrimônios materiais tombados da cidade (PREFEITURA DE ARAPIRACA, 2017). Esses dados evidenciam que a cidade está historicamente imersa em um imaginário católico, o que contribui para moldar as percepções religiosas dos alunos e influencia diretamente suas interpretações sobre outras culturas e crenças.

Nesse sentido, a visão de mundo que esses pré-adolescentes possuíam era uma perspectiva de criação nos moldes cristãos. Por isso, foi um choque cultural imenso quando foram informados que os antigos egípcios não concebiam a ideia de inferno ou de pecado (BLANC, 2022, p, 68). A maior surpresa foi quando descobriram que eles cultuavam diversas deidades, fugindo do modelo monoteísta, que até então era o único conhecido por eles. Muitos deles, por exemplo, questionavam se os egípcios daquela época estariam no inferno.

No início das aulas acerca do assunto, partimos dos conhecimentos prévios dos alunos sobre religião e tentamos entender primeiro qual era a opinião que eles guardavam sobre outras formas de culto às outras divindades.

Parte dos alunos se resguardou de dar uma resposta, com receio de que ela fosse “errada”, outra parte opinou com bastante preconceito, alegando que outras divindades seriam “coisa do Diabo”. Essa percepção evidenciou como certos imaginários religiosos ainda operam com categorias moralizantes, tratando o desconhecido como algo maligno.





X Encontro Nacional das Licenciaturas

Estar preparado com as **leituras críticas** acerca do tema permitiu trabalhar com elementos conhecidos pelos alunos e elucidá-los acerca de como imagens estereotipadas de outras religiões, remetidas sempre como inferiores, foi uma construção ocidental para justificar uma prática exploratória e desumana (SAID, 2003, p. 367).

No ensino de civilizações pré-colombianas meu conhecimento das cosmogonias dos povos Astecas, Maias e Incas era limitado. Eu não possuía bibliografia que se aprofundasse no assunto, tive que contar com o auxílio do livro didático que, infelizmente, deixava lacunas.

A partir do ensino do Antigo Egito, tudo mudou, as lacunas foram preenchidas e pouco a pouco percebi que os preconceitos foram sendo substituídos por uma carga de curiosidade. Os alunos queriam conhecer outros povos, compreendê-los e as comparações culturais ainda continuavam, porém no sentido de compreender o tempo histórico onde estamos e o tempo histórico em que viveram os antigos egípcios. As aulas sobre mitologia saíram da ideia de mentira e começaram a ter a ideia de construção de mitos. Ou seja, a ideia de que mitos englobam as religiões, inclusive a deles (BLANC, 2022, p. 80)

Nesse sentido, percebi uma imensa melhora no desenvolvimento da turma, pois conseguia trabalhar de maneira complexa a cosmogonia egípcia, seus deuses, sua fé, arquitetura, intencionalidade, ritos funerários e achados arqueológicos. Porém, não foram todos os alunos que ficaram abertos a dialogar com a história e com o respeito ao culto do outro. Alguns alunos continuaram fechados ao modelo tradicional, ainda observando as diversas religiões com uma percepção meramente maniqueísta, partindo sempre da ideia de que aquilo que não fosse cristão seria “do demônio”.

As leituras de suporte contribuíram para a construção de uma prática pedagógica interativa, na qual pude lecionar com mais confiança e explorar os saberes dos alunos, trabalhando com eles uma nova perspectiva acerca de outras culturas e religiões, de modo a desconstruir preconceitos em sala de aula.

Contudo, as leituras críticas foram importantes, mas não suficientes, pois o que levou essa atividade a esse resultado foi, como demonstrado, a postura interativa adotada para guiar a turma em um processo de desconstrução dos preconceitos. O professor deve estar preparado para os desafios de ensinar em um país marcado pelo preconceito. Nesse sentido, é fundamental





que a formação docente continuada ofereça ferramentas que preparem os educadores, incluindo o acesso aos textos atualizados sobre temáticas que ainda são frequentemente tratadas de maneira muito preconceituosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência tem o objetivo de demonstrar como foi importante a qualificação docente no ensino de uma temática que à primeira vista pode parecer simples, mas que se demonstra delicada e, se não for bem estudada pode reforçar interpretações errôneas sobre mitologia – como a ideia de que mitos seriam apenas mentiras criadas pelos antigos.

Foi possível observar que a concepção de que outras religiões seriam malignas estava presente nos alunos. Essa visão, no entanto, foi gradualmente superada, dando lugar a uma postura mais aberta, marcada pela aceitação e pelo respeito às diferentes manifestações religiosas.

Reforço que a experiência relatada corresponde a apenas uma atividade. Pretendo, no entanto, continuar abordando essas temáticas de forma interativa e crítica, visando promover o desenvolvimento reflexivo dos alunos ao longo de sua formação.

Seria interessante para aprofundar a discussão que houvessem mais pesquisas sobre o campo religioso em Arapiraca. Durante a investigação, encontrei poucos dados sobre igrejas evangélicas na cidade, apesar de perceber visualmente, ao caminhar pelas ruas da cidade, o crescimento expressivo de unidades religiosas protestantes. Diante da escassez de dados confiáveis, optei por não incluir esse aspecto, embora reconheça sua relevância para uma pesquisa mais abrangente no futuro.

Por meio dessas pesquisas o educador poderia saber como cada bairro construiu sua cultura, quais religiões são predominantes por bairro, quais são minorias e o motivo de serem minorias. Tudo isso ajudaria significativamente o professor a entender os alunos e se preparar melhor para construir a aula.





Embora o tema aqui apresentado ainda esteja em desenvolvimento, os resultados, obtidos por meio deste relato, evidenciam o papel fundamental da formação docente continuada

para ajudar o professor a construir uma prática pedagógica interativa que viabilize o contato dos alunos com outras culturas, a fim de progressivamente desconstruir os preconceitos enraizados.

Em suma, ensinar História é também ensinar a enxergar o outro sem os filtros do preconceito. A qualificação docente, aliada à sensibilidade pedagógica, revela-se como um caminho efetivo na formação de alunos críticos, empáticos e conscientes da pluralidade do mundo – Uma tarefa que exige estudo, escuta e compromisso ético com a educação.





REFERÊNCIAS

BLANC, Claudio. **O grande livro da mitologia egípcia.** 1. ed. São Paulo: Camelot Editora, 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 out. 2025.

DIOCESE DE PENEDO. **Paróquias.** Disponível em: <https://www.diocesedepenedo.com.br/paroquias/>. Acesso em: 8 de out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: religião.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 out. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. **Prédios e monumentos contam a história de Arapiraca.** *Arapiraca*, 15 out. 2017. Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2017/10/predios-e-monumentos-contam-a-historia-de-arapiraca/>. Acesso em: 17 out. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. **#TBT: Igreja de São Sebastião guarda mais de um século de história.** Arapiraca, 24 out. 2019. Disponível em: https://web.arapiraca.al.gov.br/2019/10/tbt-igreja-de-sao-sebastiao-guarda-mais-de-um-século-de-história/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 17 out. 2025.



PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Projeto Político Pedagógico: Escola de
Ensino Fundamental Maria de Nazaré da Arapiraca. Secretaria Municipal de Educação, 2024.
IX Seminário Nacional do PIBID

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente.** 1. ed. São Paulo:
Companhia das Letras, 2003.

